



TENSÃO NO CARIBE

Cuba teme massacre; EUA punem regime

Presidente Miguel Díaz-Canel Bermúdez alerta para o risco de "banho de sangue", caso Trump decida atacar a ilha socialista. Washington sanciona autoridades de Havana. Navio entrega ajuda humanitária enviada pelo governo do México

» RODRIGO CRAVEIRO

No mesmo dia em que os Estados Unidos intensificaram a pressão sobre o regime cubano e em meio a uma crise humanitária provocada pelo bloqueio energético, o presidente de Cuba, Miguel Díaz-Canel Bermúdez, alertou para o risco de um "banho de sangue", em caso de ataque. "As ameaças de agressão militar contra Cuba, por parte da maior potência do planeta, são conhecidas. A ameaça constitui um crime internacional. Se materializada, provocará um banho de sangue de consequências incalculáveis, além do impacto destrutivo na paz e na estabilidade regional", escreveu o chefe de Estado em seu perfil na rede social X.

Cerca de oito horas depois, o Departamento de Tesouro dos EUA sancionou várias autoridades de Havana, incluindo os ministros da Energia, da Justiça e das Comunicações; o presidente da Assembleia Nacional; comandantes do Exército Oriental e Central; e os chefes da contra-inteligência militar e da Direção Geral de Inteligência. A decisão de Washington de atualizar a lista de sancionados pelo Escritório de Controle de Ativos Estrangeiros coincide com a escalada de tensão entre os EUA e Cuba.

Díaz-Canel destacou que Cuba não representa ameaça nem tem planos ou intenções agressivas contra qualquer país. Ele lembrou que a ilha caribenha tem sofrido agressões multidimensionais por parte dos EUA. "Cuba tem o direito absoluto e legítimo de se defender contra uma ofensiva bélica, um direito que não pode ser usado, lógica ou honestamente, como

Yamil Lage/AFP



Do Malecón, pescador observa navio panamenho Asian Katra chegando a Havana com ajuda humanitária proveniente do governo mexicano

desculpa para impor uma guerra contra o nobre povo cubano", acrescentou o presidente. Ontem, o navio de bandeira panamenha Asian Katra entrou no porto de Havana com a ajuda humanitária enviada pelo governo do México. Miguel Ignacio Díaz Reynoso, embaixador mexicano em Cuba, recebeu a embarcação e anunciou que ela transportava 1.700 toneladas de suprimentos, provenientes do

governo, de organizações civis de seu país e do Uruguai.

Com base em dados de inteligência, o site Axios divulgou que Cuba adquiriu mais de 300 drones militares e estuda usá-los em um ataque à base americana de Guantánamo, a navios militares dos EUA e à Flórida, localizada a 144km da ilha caribenha. Os aparelhos teriam sido comprados da China e do Irã.

Cautela

Professor aposentado de estudos internacionais da Universidade de Harvard, Jorge I. Domínguez admitiu ao **Correio** a possibilidade de um banho de sangue em Cuba. "Basta olharmos para o bombardeio no Irã como um exemplo, onde muitos civis morreram", afirmou. O especialista vê com cautela a notícia sobre

os drones supostamente obtidos pelo regime cubano. "Pode ser uma informação falsa, para tentar justificar uma ação militar contra Cuba. Algo parecido com a fracassada justificativa do ataque ao Iraque em 2003", observou Domínguez. "No entanto, se Cuba, de fato, possui drones, o cálculo dos EUA não leva necessariamente uma ofensiva bélica,



Cuba tem o direito absoluto e legítimo de se defender contra uma ofensiva bélica."

Miguel Díaz-Canel Bermúdez,
presidente cubano

pois isso poderia resultar em um bombardeio a Mar-a-Lago, resort de Trump."

Para o estudioso de Harvard, as sanções a Havana eram esperadas. "Observemos bem: o diretor da Agência Central de Inteligência (CIA), John Ratcliffe, reuniu-se com o ministro do Interior cubano, um dos sancionados, na semana passada. As sanções não os impedem de tomar um café", ironizou Domínguez.

Por sua vez, Paolo Spadoni, professor do Departamento de Ciências Sociais da Augusta University (em Augusta, no estado americano da Geórgia), interpretou a mensagem de Díaz-Canel como "uma proclamação desesperada para tratar de prevenir o que em Havana se percebe como uma tentativa dos Estados Unidos de preparar as condições para uma intervenção militar". "A viagem de Ratcliffe a Cuba pode ter sido para anunciar um ultimato aos governantes cubanos, um aviso para que aceitem mudanças políticas e econômicas grandes, ante nenhuma outra alternativa", avaliou ao **Correio**.

RÚSSIA-CHINA

Putin visita Xi Jinping com Irã na agenda

Depois de receber com pompa o colega americano Donald Trump, o presidente da China, Xi Jinping, estenderá o tapete vermelho ao líder da Rússia, Vladimir Putin. O chefe do Kremlin desembarca em Pequim na noite de hoje, pelo horário local (manhã desta terça-feira em Brasília). O encontro com Xi ocorrerá na manhã desta quarta-feira.

De acordo com Yuri Ushakov, assessor de Putin, ambos conversarão sobre todas as esferas das relações bilaterais, incluindo o gasoduto Power of Siberia 2 ("Força da Sibéria 2"). Na agenda da reunião, também estarão as guerras no Irã e na Ucrânia.

Citado pela agência de notícias estatal Xinhua, Guo Jiakun — porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China — declarou que os dois lados aproveitarão a visita de Vladimir Putin como uma "oportunidade para continuar e promover o desenvolvimento das relações Pequim-Moscou a um nível mais elevado". "Isso

injetará maior estabilidade e energia positiva ao mundo", disse Guo.

Diretora-geral do programa Indo-Pacífico do German Marshall Fund (GMF) e especialista em relações China-Estados Unidos, Bonnie Glaser disse ao **Correio** que Putin e Xi têm se encontrado com frequência. "Eles tiveram mais de 40 reuniões presenciais, como líderes de seus respectivos países. O encontro desta semana ocorre no marco do 25º aniversário da assinatura do Tratado China-Rússia de Boa Vizinhança e Cooperação Amigável", explicou.

Glaser espera que Xi informará Putin sobre suas conversas com Trump, e isso inclui a questão da guerra com o Irã. "Os dois líderes, provavelmente, coordenarão suas posições sobre o Irã e reafirmarão sua disposição em trabalhar juntos para encerrar o conflito", aponta. Ela acredita que Putin buscará compromissos da China para comprar mais petróleo e gás da Rússia e continuará a fornecer itens de dupla utilização que apoiem

Sergei Karpukhin/Sputnik/AFP



Xi e Vladimir Putin em foto de arquivo: aliança comercial estratégica

a indústria de defesa de Moscou.

"A Rússia está em uma posição mais fraca e mais urgente do que a China. Xi valoriza a parceria estratégica com Putin,

e busca permanecer alinhado a Moscou sobre as formas de reduzir a influência global dos EUA e tirar vantagem dos erros de Trump", comentou Glaser.

Questionado por jornalistas, o chanceler da Rússia, Serguei Lavrov, teceu uma avaliação positiva da cúpula Xi-Trump e destacou o caráter privilegiado das ligações entre Moscou e Pequim.

"Se os acordos alcançados ou a serem alcançados por Pequim e Washington forem do interesse dos amigos chineses, só podemos ficar satisfeitos", declarou o ministro das Relações Exteriores russo, ao visitar Nova Délhi, na sexta-feira passada.

Ucrânia

Na véspera da visita de Putin, um porta-voz da Marinha da Ucrânia anunciou que um drone russo atingiu um cargueiro chinês na noite de domingo. "Drones atacaram (a cidade portuária de) Odessa (...) e um atingiu um navio de propriedade da China", afirmou o presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, em uma publicação na rede social X. "Os russos não tinham como não saber que navio estava no mar." (Rodrigo Craveiro)

» Trump adia ataque a Teerã

O presidente Donald Trump anunciou que adiou um ataque contra o Irã previsto para hoje, em resposta a um pedido de dirigentes de países do Golfo, e afirmou que estão em andamento "negociações sérias" com Teerã. No entanto, também disse que os Estados Unidos estão preparados para lançar um "ataque total em grande escala contra o Irã, de maneira imediata, caso não se alcance um acordo aceitável", segundo uma mensagem publicada em sua plataforma Truth Social. O líder republicano especificou que o pedido para suspender a operação militar partiu dos dirigentes do Catar, da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos, que, segundo ele, consideraram possível alcançar um acordo de cessar-fogo.